



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Renata Filipa Branco Martins

**O Ensino de Português de acordo com a
Literatura e os seus autores**



Universidade do Minho

Instituto de Educação

Renata Filipa Branco Martins

O Ensino de Português de acordo com a Literatura e os seus autores

Relatório de Estágio
Mestrado em Ensino de Português no 3.º Ciclo do
Ensino Básico e no Ensino Secundário

Trabalho efetuado sob a orientação do(a)
Professora Doutora Sara Reis da Silva

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição
CC BY

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

AGRADECIMENTOS

Nesta secção, quero expressar a minha maior gratidão pelas pessoas que estiveram ao meu lado, que me acompanharam e nunca me deixaram “cair”. Quero também reconhecer o bom profissionalismo das pessoas e os serviços que compõem a Universidade do Minho.

Quero agradecer por todo o apoio, todo o esforço, toda a confiança que os meus pais depositaram em mim, pois, sem eles, não teria alcançado o meu objetivo. Por isso: muito obrigada, meus pais!

Agradeço também ao meu irmão e à minha avó materna, pelas palavras de apoio que sempre me confortaram, e a ti, avô, que estás aí em cima, pelas forças que me foste enviando. Espero que estejas orgulhoso.

Não posso esquecer de agradecer ao meu namorado, que por, mais que eu não aguentasse mais, por mais que eu não tivesse tempo, ele foi sempre compreensivo e lembrou-me todos os dias do meu objetivo final.

Queria agradecer, ainda, à minha colega e amiga de curso, Ana Sá, pelos anos académicos que vivemos juntas e por toda a amizade e sinceridade com que me foi alertando e criticando de forma construtiva para que eu fosse sempre melhor.

Seria injusto não agradecer à Instituição Escolar que me acolheu, bem como à turma que me foi atribuída por todo o carinho e generosidade com que me receberam e com que me ensinaram muito.

Por fim, agradeço à minha supervisora, Doutora Sara Reis da Silva, por todo o ensinamento, pela sua disponibilidade, orientação e apoio.

Muitíssimo obrigada a todos!

Declaração de integridade

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

RESUMO

Configurando uma exigência do 2.º ano do Mestrado em Ensino de Português no 3.º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, e sendo este um ano de Estágio Profissional, este trabalho tem como intuito apresentar uma reflexão crítica reveladora da ligação dos conteúdos teóricos com o percurso de estágio, em particular com as atividades desenvolvidas.

Neste documento, integra-se uma contextualização do Estágio, incluindo a caracterização da turma em que ocorreu a intervenção. Além disso, dá-se ainda a ler a fundamentação teórica das diversas componentes que fazem parte da aula de Português, como: o papel do professor assim como a definição dos domínios da aula de Português.

Por fim, são apresentadas atividades desenvolvidas e aplicadas dos diversos domínios, sendo fundamentadas no documento principal, a partir do qual o professor tem de nortear as suas práticas, *Aprendizagens Essenciais*.

Palavras-chave: *Aprendizagens Essenciais*, atividades, domínios, professor de Português.

Teaching Portuguese According to Literature and Its Authors

ABSTRACT

As a requirement of the 2nd year of the Master's in Teaching Portuguese in the 3rd cycle of Basic Education and Secondary Education and given that this is a year of Professional Internship, this work aims to present a critical reflection that reveals the connection between theoretical content and the internship journey, particularly with the activities developed.

This document includes contextualization of the internship, including the characterization of the class where the intervention took place. Furthermore, the theoretical foundation of the various components that are part of the Portuguese class is also discussed, such as the role of the teacher and the definition of the domains of the Portuguese class.

Finally, activities developed and applied in various domains are presented, substantiated by the main document that the teacher must use as a guide for their practices, Essential Learnings.

Keywords: Essential Learnings, activities, domains, Portuguese teacher.

ÍNDICE

| | |
|---|-----------|
| AGRADECIMENTOS | iii |
| RESUMO | v |
| ABSTRACT | vi |
| INTRODUÇÃO | 1 |
| 1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTÁGIO | 2 |
| 1. CARACTERIZAÇÃO DA TURMA | 4 |
| 2. CICLOS DE INTERVENÇÃO | 6 |
| 3. DIMENSÃO INVESTIGATIVA..... | 9 |
| 4. O PAPEL DO PROFESSOR DE PORTUGUÊS | 11 |
| 5. DEFINIÇÃO DA AULA DE PORTUGUÊS E SEUS DOMÍNIOS | 13 |
| 6. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS AO LONGO DO ANO LETIVO 2022/2023 | 19 |
| 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 26 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 28 |
| ANEXOS | 29 |
| Anexo 1. Relatório de observação..... | 30 |
| Anexo 2. Balanço de resultados | 33 |
| Anexo 3. Teste construído sob orientação do Professor Orientador | 35 |
| Anexo 4. Atividades Extracurriculares | 38 |
| Anexo 5. Grelha de Observação | 39 |
| Anexo 6. Atividade de Leitura 1 | 40 |
| Anexo 7. Atividade de Leitura 2 | 41 |
| Anexo 8. Atividade de Educação Literária..... | 42 |
| Anexo 9. Atividade de Oralidade – CO | 43 |
| Anexo 10. Atividade de Oralidade – Expressão Oral | 44 |
| Anexo 11. Atividades de Gramática | 45 |
| Anexo 12. Atividades de Escrita 1 | 46 |
| Anexo 13. Atividade de Escrita 2..... | 47 |
| Anexo 14. Exemplo da Oficina de Escrita realizada pelos alunos..... | 49 |
| Anexo 15. Exemplo de Planificação de Aulas..... | 51 |
| 1. Contextualização (Escola, Turma e Unidade Didática)..... | 51 |
| 2. Conteúdos disciplinares de natureza científica | 53 |
| 3. Elementos didáticos | 53 |

| | |
|---|-----------|
| 3.1. Estrutura da aula / Orientação das atividades de aprendizagem | 53 |
| 3.2. Acompanhamento da prestação dos alunos (Avaliação) | 54 |
| 4. Formas de participação e envolvimento dos alunos | 54 |

ÍNDICE DE TABELAS

| | |
|---|---|
| Tabela 1. <i>Horário atribuído em contexto de estágio no ano letivo 2022/2023</i> | 2 |
| Tabela 2. Momentos de Intervenção Pedagógica no ano letivo 2022/2023 | 7 |

INTRODUÇÃO

O relatório presente surge no âmbito do Estágio Profissional, que decorreu no 2.º ano do Mestrado em Ensino de Português no 3.º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário.

Ao longo deste documento, será apresentada uma perspetiva reflexiva acerca do percurso concretizado deste ano letivo, articulando com os componentes que fazem parte do Estágio prático e teórico.

No decurso deste relatório, será realizada uma contextualização do estágio, desde a chegada à instituição escolar onde decorreu o estágio profissional. Será, ainda, caracterizada a turma atribuída para o percurso interventivo.

Posteriormente, serão apresentados os ciclos de intervenção implementados, bem como as atividades extracurriculares desenvolvidas pelo núcleo de estágio da Universidade do Minho na escola atribuída.

De seguida, abordar-se-á a dimensão investigativa e, ainda, o papel do professor de Português e os diferentes domínios da disciplina. Também serão apresentados alguns exercícios aplicados em sala de aula de cada domínio e as estratégias adotadas para o cumprimento do documento regulador, *Aprendizagens Essenciais*.

Por fim, serão incluídas as considerações finais acerca das atividades desenvolvidas, do estágio curricular e de todo o percurso.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTÁGIO

A Intervenção Pedagógica decorreu numa escola que abrange vários níveis de ensino, desde o 2.º ciclo até ao Ensino Secundário. Localizada no distrito do Porto, atrai alunos tanto da zona envolvente como de áreas mais distantes e de concelhos limítrofes. No ano letivo de 2022/2023, o número de estudantes matriculados rondava os 2300.

O percurso que será relatado começou no dia 27 de setembro de 2022 e terminou no dia 16 de junho de 2023. Começou com uma reunião com o Professor Orientador Cooperante, que se mostrou bastante entusiasmado com a preparação das estagiárias. Foram facultados os documentos orientadores para o estágio, sendo atribuída para esta jornada uma turma do 10.º de escolaridade, bem como o horário a cumprir na escola.

Terminada a reunião, ficou determinado que o estágio teria início no mês de outubro com o horário semanal escolar que apresentava os tempos de aula com a respetiva turma, o tempo atribuído para acompanhamento de estágio com o orientador e também a possibilidade de assistir ao Trabalho Colaborativo do respetivo ano escolar atribuído (Tabela 1).

| Tempos | 2ªfeira | 3ªfeira | 4ªfeira | 5ªfeira | 6ªfeira |
|---------------|-----------|---------|--------------------------|---------------------------|-----------------------|
| 8:20 – 9:10 | | | | Acompanhamento Estágio | |
| 9:20 – 10:10 | | | | | |
| 10:25 – 11:15 | | | | | Aula 10º Português |
| 11:25 – 12:15 | | | | | |
| 12:20 – 13:10 | | | Aula 10º Português | | |
| 13:15 – 14:05 | | | | | |
| 14:15 – 15:05 | Aula 10º | | | | |
| 15:15 – 16:05 | Português | | Trabalho colaborativo | | |

Tabela 1. Horário atribuído em contexto de estágio no ano letivo 2022/2023

A componente “Trabalho Colaborativo” consistia numa reunião semanal entre os professores da área de Português do 10.ºano de escolaridade. Nessas reuniões, os professores compartilhavam informações sobre o progresso do programa nas suas turmas, definiam as datas dos testes e estabeleciam parcerias para a elaboração dos testes.

Durante o primeiro período e nos momentos entre as regências, a estagiária assumiu o papel de professora estagiária – observadora. Isto é, teve oportunidade de observar as técnicas utilizadas pelo professor orientador, de decodificar os diversos processos que este mobilizava para o ensino, assim como de verificar o comportamento dos alunos, podendo assim ajustar as aulas à dinâmica da turma. Ao longo dos períodos de observação, foram preenchidos inúmeros os relatórios de aulas assistidas (anexo 1).

Por fim, o período de adaptação foi longo e bastante difícil, porque a informação era considerável e o ritmo da Escola era “alucinante”. Contudo, não houve nada que o Professor Orientador Cooperante e o Agrupamento não fizessem para ajudar na adaptação.

1. CARACTERIZAÇÃO DA TURMA

A turma na qual decorreu a intervenção pertencia ao Ensino Secundário, mais concretamente, era uma turma do 10.º ano. A turma era do curso de Ciências e Tecnologias, sendo constituída por 23 alunos que apresentavam bom aproveitamento escolar. Era uma turma heterogénea. Maioritariamente, os alunos eram residentes na cidade onde se localiza a escola.

Em termos de sucesso académico, a turma apresentava: um grupo de alunos de nível muito bom, um grupo de nível bom e um outro grupo, mas mais reduzido, com resultados satisfatórios.

No que diz respeito ao comportamento, estes apresentavam uma postura adequada à situação de sala de aula. Porém, existiam alunos algo faladores (ou seja, que se ocupavam em conversas paralelas ao longo da aula), sendo necessário chamar a atenção para que seguissem as regras de boa convivência cívica dentro da sala de aula.

O primeiro impacto com a turma foi no início do mês de outubro e, nesse momento, os alunos mostraram-se entusiasmados com a ideia de terem uma professora estagiária e, ao longo de todo o percurso de estágio, foram cooperantes.

Contudo, no início da intervenção pedagógica os alunos pouco ou nada participavam, o que foi desconfortável, porque adotar uma postura de professora-orientadora não era possível por não existir resposta por parte dos alunos.

Comecei logo a questionar-me se teria sido eu a formular mal as questões, se não tinha conseguido fazer chegar aos alunos o conteúdo, e a realidade é que eu tinha falhado no questionário, como fui falhando, mas cada vez menos, até ao final do estágio, embora nem tudo tenha sido “sobre” mim. Ao longo das intervenções, comecei a conhecer melhor os alunos e entendi que estes adotaram uma postura cuidadosa e que, muitas vezes, não respondiam pela sua timidez.

Ao longo das minhas aulas, os alunos foram, cada vez mais, sentindo-se à vontade, participando, chamando-me para esclarecimento de dúvidas e muito mais. Senti que já havia feito algum progresso, quando determinados alunos com atitudes mais reservadas e, de certa forma, com problemas de socialização, durante as minhas aulas, começaram a ter uma postura mais ativa e participativa.

Concluo que, ao longo do ano letivo, a ligação que estabeleci com os alunos foi bastante forte e única. Acredito que viam em mim alguém em quem podiam confiar, pois um(a) professor(a) não é um mero transmissor de conhecimentos, mas pode ser também, em certa medida, um(a) “psicólogo(a)” ou um(a) “amigo(a)”, além de alguém que detém um conhecimento aprofundado nas matérias a explorar.

2. CICLOS DE INTERVENÇÃO

A Intervenção Pedagógica ocorreu no 10.º ano de escolaridade e, como tal, foi cumprido o Programa Nacional que está estipulado no documento regulador, *Aprendizagens essenciais* (2018).

Neste caso, foram realizadas quatro intervenções. Primeiramente, apenas ao nível de Educação Literária, a *Crónica de D. João I*, de Fernão Lopes. Posteriormente, a *Farsa de Inês Pereira*, de Gil Vicente, de seguida, as *Rimas*, de Luís Vaz de Camões e, por fim, *Os Lusíadas*, do mesmo autor.

Como se pode verificar, no quadro a seguir apresentado, todas as regências tiveram a duração de oito tempos letivos de cinquenta minutos, à exceção da regência zero, sendo esta a aula experimental. Em todas as intervenções, foram explorados todos os domínios (à exceção da regência zero), mesmo que o tempo para cada um não fosse equivalente.

| Data | Duração | Conteúdos | Domínios |
|---------------------------------|----------------------|--|--|
| 5 de dezembro | 1 tempo (50min) | Excerto do capítulo 115 da <i>Crónica de D. João I</i> , de Fernão Lopes | → Educação Literária → Oralidade |
| 9 a 23 de janeiro | 8 tempos (50min) | <i>Farsa de Inês Pereira</i> , de Gil Vicente (início da sequência) | → Educação Literária → Leitura → Oralidade → Gramática → Escrita |
| 13 de fevereiro a 3 de março | 8 tempos (50min) | <i>Rimas</i> , de Luís Vaz de Camões (a meio da sequência) | → Educação Literária → Leitura → Oralidade → Gramática → Escrita |
| 3 a 17 de maio | 8 tempos (50 min) | <i>Os Lusíadas</i> , de Luís Vaz Camões (início de sequência) | → Educação Literária → Leitura |

| | | | |
|--|--|--|--------------------------------------|
| | | | →Oralidade →Gramática →Escrita |
|--|--|--|--------------------------------------|

Tabela 2. Momentos de Intervenção Pedagógica no ano letivo 2022/2023

Ao longo de cada Intervenção Pedagógica, os alunos foram sempre correspondendo às expectativas, demonstrando isso através da participação em aula. As suas aprendizagens foram igualmente reveladas nos resultados obtidos nos momentos de avaliação (anexo 2).

Ao longo do ano letivo, também me foi permitida, para os momentos de avaliação, a construção de instrumentos de avaliação: Microteste de Educação Literária, Microteste de Leitura e Gramática e Teste (anexo 3), sendo orientada, nesta tarefa, pelo Professor Orientador Cooperante.

É de salientar que as intervenções e a possibilidade de construir momentos de avaliação foram de extrema importância para o meu percurso enquanto professora estagiária e futura professora. Esta é uma aprendizagem que se faz *in loco*, pois ficar apenas com a teoria fornecida pela instituição de ensino superior é muito “pouco” para o desenvolvimento e sucesso de um formador em estágio.

Para além das atividades curriculares salientadas anteriormente, também se desenvolveu atividades extracurriculares, como as atividades designadas “Apregoam-se Escritores”, “O NC é nosso!” e “Rapsódia Vicentina” (anexo 4).

A primeira atividade envolveu as turmas que possuíam professores orientadores de estágio e o seu objetivo era despertar a curiosidade dos alunos pelos escritores portugueses e promover a leitura, tendo sido feita pelos alunos uma pesquisa sobre a vida do escritor e uma caricatura, que, no final, iriam redecorar os espaços da escola sendo atribuído a cada espaço o nome de um escritor, como, por exemplo, a sala dos professores passou a ser designada como “Fórum Fernando Pessoa”.

Perante esta dinâmica, o meu sentido criativo aumentou. Por exemplo, a aprendizagem de criação *QR codes* pode vir a ser útil no futuro para uso em aula. Ampliou-se o conhecimento sobre cada autor que foi trabalhado e desenvolveu-se uma ligação maior com os alunos.

A segunda atividade teve como intuito promover e incentivar o gosto pela leitura junto dos mais novos, levando até aos alunos do 5.º ano e do 7.º ano o escritor Nuno Camarneiro, que se disponibilizou a abordar a importância da leitura na vida de cada um. Esta atividade demonstrou, entre outros aspetos, a diferença de atitude e postura que os professores devem adotar, consoante o ano de escolaridade.

A terceira atividade foi realizada em parceria com o clube de Teatro da escola, contexto no qual foram adaptadas algumas obras do autor Gil Vicente de forma cômica e interativa relativamente ao público.

Estas atividades desenvolvidas tiveram como principal objetivo promover o gosto pela leitura e o alargamento de conhecimento dos alunos.

3. DIMENSÃO INVESTIGATIVA

Investigação-Ação pode ser definida como uma metodologia de investigação que inclui a mudança (ação) e a compreensão (investigação) ao mesmo tempo, utilizando um processo que vai intercalando entre ação e uma reflexão crítica.

Tendo em conta as ideias de Coutinho, et al. (2009), de que existem inúmeras definições para Investigação-Ação e a de Watts, em 1995, refere que este é um processo no qual os participantes fazem uma análise à sua própria ação educativa de forma sistemática, usando as técnicas de investigação, pode dizer-se que, no decurso do Estágio Profissional, foram vários os momentos de análise da intervenção.

No centro desta questão está o facto da necessidade de os professores possuírem capacidade de planificar, agir, analisar, observar e avaliar as situações que decorrem no ato educativo, acabando por conseguir fazer uma reflexão sobre as suas próprias ações e práticas (Schön, 1983).

Por fim, existem diversas formas de, nesta situação, registar e analisar todo o processo. Muitos adotam estratégias como os diários de bordo (onde registam aquilo que observação dos contextos de sala de aula), análise de evidências de aprendizagem (fichas de trabalho) e análise de inquéritos que podem ser realizados aos estudantes, sendo também elaboradas grelhas de observação da turma para uma melhor avaliação de cada aluno.

No caso concreto da prática pedagógica que, agora, se relata, optou-se pela elaboração/preenchimento de grelhas de observação, a fim de avaliar os alunos em várias dimensões, como pontualidade, comportamento, empenho, presença de material, realização de tarefas, autoavaliação, solidariedade com os colegas, respeito pela opinião dos outros, participação em tarefas individuais/grupo, expressão e defesa de opiniões, superação de dificuldades, intervenção na aula, atenção, maneira de comunicar e desenvolvimento da autonomia, permitindo uma análise abrangente do desempenho de cada aluno (anexo 5.).

Por fim, ao longo de todas as aulas assistidas, realizou-se uma espécie de Diário de Bordo, onde se registava todas as técnicas utilizadas pelo Professor Cooperante, a matéria em leção, o comportamento dos alunos e as dificuldades que estes

apresentavam. Desta maneira era possível refletir sobre cada a aula, retirar novas aprendizagens e também conhecer os alunos.

4. O PAPEL DO PROFESSOR DE PORTUGUÊS

Tendo em conta o contexto e o objetivo da Intervenção Pedagógica, espera-se que o professor de Português revele competências e oriente a sua prática pelas normas legais que enquadram a sua profissão.

Um professor de Português deve conhecer aprofundadamente os documentos reguladores da prática pedagógica emanados pelo Ministério da Educação, como: *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (PASEO; DGE-ME, 2017)* e *As Aprendizagens Essenciais (AE; DGE-ME, 2018)*, além, naturalmente, dos Programas e Metas.

Seguindo os documentos pelos quais os professores se têm de orientar e após a intervenção sustentada, devidamente planificada e refletida por parte do docente em sala de aula, o aluno deve ser capaz de seguir os princípios estipulados, como, por exemplo, ser «livre, autónomo, responsável e consciente de si próprio e do mundo que o rodeia; [...] capaz de pensar crítica e autonomamente, criativo, com competência de trabalho colaborativo e com capacidade de comunicação; [...] que rejeite todas as formas de discriminação e de exclusão social» (PASEO; DGE-ME, 2017, p.15).

Para que os objetivos estipulados sejam devidamente atingidos, é necessário que o professor esteja sempre consciente de que está a formar um jovem, que, posteriormente, será um cidadão ativo e consciencioso de tudo o que o rodeia. Para isso, o professor tem de estar preparado e pronto para aproveitar os momentos para introduzir e salientar questões que levem a uma conformação válida do perfil do aluno à saída da escola.

Além do conhecimento e aplicação dos documentos reguladores da prática pedagógica, o professor de Português desempenha um papel vital no desenvolvimento dos alunos como cidadãos conscientes e ativos. A sua influência transcende as fronteiras da sala de aula, pois ele não molda apenas o domínio da língua e da literatura, mas também valores, ética e responsabilidade social. Ao encorajar a reflexão crítica, a criatividade e a rejeição de formas de discriminação e exclusão social, enquanto professores, contribuímos para a formação de indivíduos, que não apenas dominam a Língua Portuguesa, mas também compreendem o mundo ao seu redor. Essa

responsabilidade é uma parte fundamental do que é ser professor de Português e o seu papel no desenvolvimento dos jovens que serão os cidadãos do futuro.

Segundo Fonseca (1997), o professor não irá apenas motivar à oralidade e à escrita, mas sim preparar o aluno para articular as situações que necessitam de enunciado oral e escrito, nas diferentes fases da vida. Reforça, ainda, que o professor da disciplina de Português tem como principal função tornar o aluno capaz de entender e alcançar a língua materna de forma clara, para que o mesmo possa tomar consciência de que aprender a língua, o seu desenvolvimento e estrutura comunicativa significa tornar-se um ser ativo da sociedade, pois é pela linguagem que o ser humano se entende, define e se posiciona em relação aos demais.

Por fim, a meu ver, um professor deve proporcionar um ambiente de sala de aula onde os alunos se sintam seguros para explorar, questionar e crescer, onde não deve apenas transmitir conhecimentos, mas também aproximar os alunos à língua e à literatura, despertando a sua curiosidade intelectual e o desejo de aprendizagem.

5. DEFINIÇÃO DA AULA DE PORTUGUÊS E SEUS DOMÍNIOS

Segundo Fonseca (1994), a aula de Português é uma aula de língua. O objeto na aula de Português é a linguagem, a comunicação. O objetivo fundamental da aula de Português é o desenvolvimento da competência da comunicação, de forma a adequar o uso da língua a cada contexto, dando conta da sua omnifuncionalidade, o que torna a sua aprendizagem mais difícil. A língua assume o papel de instrumento de ensino e também de objeto de estudo.

É neste contexto que o aluno adquire desenvoltura e uma boa estruturação da competência comunicativa, de forma a saber utilizar a sua língua e adequá-la aos contextos. O desenvolvimento da competência comunicativa, cujo objetivo é explorar ao máximo a expressão oral, bem como a expressão escrita tem a finalidade de adequar o discurso do aluno às situações de comunicação da sua vida. O professor deve motivar o aluno para estes dois objetivos e também irá preparar o aluno para a produção e análise do discurso.

Para falar da aula de Português, é quase inevitável falar da Escola, que é o local onde é fornecido esse enriquecimento da língua. Cabe à Escola proporcionar a todos o Português-Padrão, o que deve ser feito de uma forma não impositiva, porque o que realmente é importante é que os alunos conheçam a língua-padrão. No entanto, não se devem sentir obrigados a usá-la no dia-a-dia, como anteriormente havia referido. Deve saber-se enquadrar a língua-padrão ao contexto e, uma vez dominado o Português-Padrão, o aluno obteve uma nova ferramenta para o seu futuro. Por outro lado, os professores devem inculcar o respeito pelas restantes variedades da língua.

É importante valorizar as atitudes cognitivas e o espírito criativo, bem como desenvolver as competências instrumentais próprias da aula de Português como a Leitura (saber ler), a Escrita (saber escrever) e a Oralidade (saber ouvir e falar).

É de salientar que o que se aprende na aula de Português acaba por ser transversal às restantes disciplinas, pelo motivo da língua ser o meio de comunicação nessas outras áreas. No entanto, o mais importante é que o professor de Português deve propor aos alunos o conhecimento situado das funções da linguagem, mas deve sempre

considerar que ele próprio tem de possuir conhecimentos e a aptidão de refletir sobre o conteúdo.

A aula de Português reparte-se em cinco domínios que estão apresentados nos documentos reguladores. Os domínios são os seguintes: a Leitura, a Educação Literária, a Oralidade, a Gramática e a Escrita. Tendo em conta as *Aprendizagens Essenciais* (2018), perante o domínio da Leitura, o objetivo é de que os alunos devem adquirir uma agilidade, no que diz respeito aos processos e à interpretação de textos escritos de inúmeros géneros com complexidade variável, tendo a capacidade de refletir e apreciar criticamente sobre o conteúdo adquirido.

Segundo Giasson (1993), o leitor apropria-se do texto, realizando a sua própria leitura através de vários conhecimentos externos ao texto, da intenção com que está a realizar a leitura e também o contexto em que está inserido. Atendendo ao seu ponto de vista, é possível dizer-se que existem três variáveis fundamentais no processo da leitura, considerado interativo, que se influenciam mutuamente que são: o leitor, o texto e o contexto.

Na perspetiva de Lomas, “a leitura e a sua aprendizagem são um tema de interesse social permanente e não exclusivamente circunscrito ao âmbito escolar” (Lomas, 2003, p.159), isto porque a leitura é bastante importante para a formação de um cidadão.

Segundo Dionísio (1990) um dos objetivos principais da aula de Português é promover o gosto pela leitura com uma certa diretriz pedagógica para que o leitor possa se envolver no ato, assim como obter gosto pela leitura e ser capaz de a realizar, pois afirma que o aluno, enquanto leitor, vai perdendo a capacidade de ler, pois apresenta dificuldades em perceber o significado do léxico e por esse mesmo motivo perde o interesse e o gosto pela leitura. Neste mesmo ponto, a autora desenvolve as diversas dificuldades sentidas pelos alunos nomeadamente ao nível dos micro e macroprocessos, do ato da leitura.

Já a Educação Literária tem como objetivo crucial habilitar os alunos para o domínio supramencionado, sendo fundamental que os alunos já tenham atingido a habilidade de apreciar criticamente a dimensão estética dos textos que constam do

Plano Nacional de Leitura, acabando por, de certa forma, completar o domínio da Leitura. Segundo Dromundo (2000):

«A Educação Literária tem como finalidade essencial a melhoria das competências literárias dos alunos, baseadas no desenvolvimento de capacidades e estratégias, abrangentes e expressivas, que lhes permitam, através da formação do seu próprio intertexto, familiarizarem-se e aproveitarem as diferentes manifestações literárias, adequadas à sua idade e interesses (Dromundo, 2000, p.1).»

Completando a perspetiva supramencionada, Lomas acrescenta que este domínio permite a:

«aquisição de hábitos de leitura e de capacidades de interpretação dos textos, o desenvolvimento da competência de leitura, o conhecimento das obras e dos autores mais significativos da história da literatura e, inclusivamente, o estímulo da escrita de intenção literária.» (Lomas, 2003, p.15)

Para a competência da Oralidade, está previsto que os alunos estejam aptos a compreender textos produzidos oralmente, de diferentes níveis de complexidade conseguindo interpretar a intenção que está implícita. Também se espera eficiência na comunicação oral, consubstanciada na capacidade de expressar corretamente, fluentemente e de forma adequada ao contexto em que está inserido. E, segundo Coutinho (2019):

“No termo do seu percurso escolar, qualquer jovem deverá ter adquirido fluência oral e escrita que lhe permita desempenhar bem as futuras funções profissionais. Da mesma forma, deverá conhecer o património estético, simbólico, cultural e artístico associado aos géneros literários. É um enriquecimento para cada pessoa aprender

a conhecê-los, a situá-los no tempo e na história, saber identificá-los, descrevê-los e poder falar deles com precisão e com pertinência.” (Coutinho, 2019, p.9)

No que diz respeito à compreensão oral, este acaba por se processar em três fases fundamentais, que devem ocorrer na sala de aula sempre que este domínio é trabalho:

«a) uma fase de pré-audição, em que “se deve estabelecer a razão por que se ouve e em que é essencial criarem-se expectativas ao ouvinte a fim de o ajudar a realizar antecipações, com base no mundo dos seus conhecimentos”;

b) uma fase de audição, durante a qual se mantém viva a atenção e activo o processo, por meio de exercícios e material de apoio que estimulem a antecipação, a verificação, a relação e a memorização de quem ouve”;

c) uma fase de pós-audição, na qual se verifica a compreensão e se integra o processo de ouvir noutras actividades (escrever, ler, actuar, etc.)”.» (Pavoni, 1982, p.56 cit in Lomas, 2003, p.131)

No que diz respeito à Gramática, os alunos devem revelar, de certa forma, um conhecimento metalinguístico, no que diz respeito à estrutura e ao funcionamento da língua, que são considerados importantes no currículo do aluno, na escolaridade obrigatória.

Segundo Lomas (2003), a finalidade da educação linguística é a obtenção e a evolução de saberes e de aptidão que irão permitir ao cidadão adequar-se à sociedade, e a todos os contextos de comunicação da vida ativa.

Confirmando o supramencionado, para Lomas (2003), a língua é sempre utilizada consoante o contexto em que nos encontramos inseridos. Esta é a realidade, pois os alunos ao realizarem tarefas e usarem as palavras, as suas competências comunicativas aumentam e, cada vez mais, serão adequadas ao contexto em que está inserido:

“[...] ao aprender a usar a língua não só aprendemos a construir frases gramaticalmente corretas como também aprendemos a saber o que dizer a quem, quando e como dizê-lo e o quê e quando calar”. (p.17)

O contexto é um elemento fundamental para o ato da fala e da escrita, pois deve-se sempre adequar o nosso discurso ao ambiente em que nos encontramos, e daí a importância extrema do domínio da Gramática. Como afirma Lomas (2003):

“Assim, ao aprendermos a falar, não só adquirimos a gramática de uma língua (aquela que se fala no nosso contexto) como também aprendemos os seus diferentes registos e a maneira apropriada de os usar segundo normas do nosso ambiente socio cultural.” (p.48)

O último domínio contemplado, mas não menos importante, é a Escrita. Neste, espera-se que o aluno, no final da escolaridade obrigatória, já tenha atingido os níveis máximos deste domínio, tendo adquirido todos os processos, estratégias e conhecimentos para a escrita de diversos textos e, de forma adequada, a cada situação. Segundo Camps (2005),

«Escrever é necessário para aprender a escrever, porém não é suficiente. As actividades de ler e escrever consistem em participar na comunicação verbal humana.»
(Camps, 2000, p.13)

A mesma autora reforça a ideia de que os estudos sobre o texto são fundamentais para os docentes e investigadores, para compreender melhor o que sucede na sala de aula, como as dificuldades dos alunos, para interpretar de forma mais profunda os progressos e também para planificar as situações de ensino. Existe muita diversidade, no que diz respeito aos caminhos que os alunos podem seguir, acabando por se afirmar o seguinte no artigo:

«Neste contexto, a linguagem escrita pode ser para os alunos um instrumento de elaboração de conhecimento

do mundo, de si mesmos e dos demais.» (Camps, 2005, p.14)

Por fim, pode-se dizer que os domínios da aula de Português se apresentam todos interligados, sendo possível perceber que a disciplina de Português é bastante complexa de lecionar, mas também é uma aprendizagem contínua, quer para o aluno como para o professor. Isto porque o professor tem a necessidade de estar sempre a par de todos os novos detalhes que cada domínio oferece.

6. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS AO LONGO DO ANO LETIVO 2022/2023

Ao longo do ano letivo, foram diversas as atividades implementadas atinentes aos diferentes domínios da área do Português, no 10.º ano de escolaridade, e adotei um método de registo como uma grelha de observação (anexo 5).

Relativamente ao domínio da Leitura, é a:

“competência [...] centrada predominantemente em textos próprios do relato (relato de viagem), da transmissão de conhecimento (exposição) e da crítica (apreciação crítica e cartoon).” (AE; DGE-ME, 2018).

As práticas desenvolvidas para esta competência foram a leitura de textos informativos do manual acerca da vida e obra do texto literário que se iria trabalhar (anexo 6). Estas atividades foram de extrema importância, pois implicavam sublinhar, parafrasear e resumir segmentos textuais para a compreensão do mesmo. Esta atividade permitia, ainda, aos alunos enquadrar-se no tempo e época de cada texto literário, o que foi bastante importante, porque o vocabulário, as crenças e os valores morais da obra em estudo eram bastante específicas e foi necessário estabelecer um paralelismo com a realidade atual.

Uma outra atividade levada a cabo, no mesmo domínio, foi a leitura de um artigo de opinião sobre a desvalorização das artes. Teve como finalidade a identificação do tema e assunto, sendo que, posteriormente, foi debatido em sala de aula. Este momento serviu para a realização do enquadramento para a última Reflexão do Poeta do Canto X, *d’Os Lusíadas* (anexo 7), tornando muito mais acessível a leitura e a descodificação da reflexão mencionada. Esta prática contribuiu para o desenvolvimento do processo de leitura de cada aluno, aumentando a sua capacidade de ler uma vasta variedade de textos com diferentes graus de complexidade.

Segundo Emília Amor (1995), no contexto escolar, a leitura é considerada de duas formas distintas: por um lado, como atividade mobilizável por professores e alunos em todas as disciplinas e, por outro lado, como objetivo de ensino-aprendizagem. Assim,

cabe à Escola sobretudo promover: a leitura funcional (leitura de pesquisa de dados e de informações, na perspetiva pragmática da resolução de problemas), a leitura analítica e crítica (na qual se exerce uma atividade reflexiva em que se atinge uma compreensão crítica do texto, para posteriormente fazer uma possível esquematização acerca do mesmo, porém com cunho pessoal) e a leitura recreativa (corresponde à satisfação dos interesses e ritmos individuais que irá conduzir ao desenvolvimento da capacidade da estética e pessoal dos textos).

Porém, “o papel das perguntas na leitura voltou a ser posta em causa” (Giasson, 1993, p.285), uma vez que as perguntas associadas aos textos, na maior parte do tempo, são de resposta clara e também porque as perguntas sobre a leitura têm sido simplesmente para fins de avaliação.

Considero que a Leitura nos torna capazes de “saber ouvir” e entender melhor o que o outro diz, com a menor probabilidade de não compreendermos certas palavras, tornando-nos também aptos a “saber falar”, sem o receio de estar a dizer algo errado, isto porque a Leitura faz-nos alargar o nosso vocabulário linguístico, assim como afirma Sim-Sim com a definição «Ler é compreender, obter informação, aceder ao significado do texto.» (Sim-Sim et al., 2007, p. 7).

Dos cinco domínios, a Educação Literária é a que se destaca em todas as atividades, pois é dela que partem todos os exercícios realizados, quer seja de contextualização, de compreensão, de intertextualidade ou de remissão para a atualidade. Segundo as AE, a:

“educação literária não só para conhecimento, leitura e apreciação estética de obras portuguesas que constituíram um marco do pensamento e da literatura portuguesas entre os séculos XII e XVI, mas também para desenvolvimento de hábitos de leitura” (DGE-ME, p.3, 2018).

Para este domínio apresentarei apenas uma atividade pelo facto de a maioria dos exercícios terem como base o texto literário. Para a melhor compreensão do conteúdo da reflexão do poeta do Canto X, d’*Os Lusíadas*, de Luís Camões, os alunos visualizaram um vídeo sobre o tema e o assunto da mesma. De seguida, tendo sido preparado previamente em casa, foi apresentado, com a ajuda do suporte digital, um *Powerpoint*

onde apresentava as divisões possíveis da reflexão do poeta, conseguindo, deste modo, realizar uma espécie de resumo do conteúdo trabalhado (anexo 8).

Com esta atividade, o objetivo principal era que, à medida que o *Powerpoint* fosse avançando, os alunos fossem completando e descodificando as diferentes divisões, o seu conteúdo e, assim, de certa forma, compreender e interpretar o texto literário português e também o reconhecimento de valores e cultura da época em que foi produzido ou para qual remetia o texto.

Segundo Balça e Azevedo (2017), a educação literária desempenha um papel crucial no currículo, como um veículo para promover a matriz cultural e de cidadania de uma sociedade. Aguiar e Silva (2007) destaca que o termo "Literatura" se refere ao conjunto de textos literários em geral, abrangendo a produção literária de um país específico.

Nesse contexto, a formação de leitores não se limita apenas à leitura de obras literárias, mas também implica o desenvolvimento de uma competência enciclopédica mais ampla e uma dimensão ético-axiológica mais sólida. Essa formação é aprimorada por meio do contato efetivo com textos literários. É durante esse contato com obras literárias que os alunos enriquecem sua competência literária, expandindo o leque de suas leituras.

Concluo que cada atividade desenvolvida do domínio supramencionado, foram realizados com sucesso, esclarecendo todas as dúvidas, mas com bastante curiosidade e empenho por parte dos alunos.

A Oralidade, neste ano escolar, está orientada para:

“(compreensão e expressão) com base em textos/discursos de géneros adequados a propósitos comunicativos como informar com base numa perspetiva crítica em relação ao mundo atual, explicar e argumentar em situações de debate e de confronto de perspetivas” (AE; DGE-ME, p.3, 2018).

O exercício escolhido para o domínio da Oralidade, na vertente de Compreensão Oral, foi um exercício de pré-leitura do texto literário do autor Gil Vicente, a *Farsa de*

Inês Pereira. Este consistia no visionamento de um documentário sobre o contexto histórico, cultural, social e político em que o autor da obra literária viveu, com o intuito de os alunos preencherem uma tabela com os acontecimentos mais importantes e com os aspetos mais relevantes acerca do autor e da sua vida, que ajudariam na compreensão da sua obra (anexo 9).

Com esta atividade, o objetivo principal era que o aluno conseguisse interpretar textos orais, neste caso, um documentário e tivesse a capacidade de sintetização do discurso escutado, registando apenas o conteúdo relevante para a compreensão da obra literária.

Na vertente da Expressão Oral, o exercício que foi selecionado também estava relacionado com a obra vicentina. Esta atividade surgiu após a leitura do primeiro excerto e através de um cartoon levado para a sala de aula. Foi, então, estabelecido um momento de diálogo/debate entre os alunos, acerca da relação de parentesco da personagem principal e a mãe, em contraponto com a relação que os alunos estabeleciam com os respetivos pais. Desta mesma atividade, ainda surgiu em destaque o papel da mulher no séc. XVI e a evolução dos direitos da mesma na atualidade (anexo 10).

O objetivo desta atividade foi promover o diálogo e o debate acerca do tema em análise e também evidenciar a capacidade do aluno demonstrar a sua perspetiva crítica e criativa, respeitando a sua vez e utilizando um discurso adequado ao contexto, neste caso, ao de sala de aula.

Posto isto, torna-se importante referir que a oralidade é algo adquirido naturalmente, desde criança, pois é o primeiro domínio com o qual a criança tem contacto, porque é a forma de esta se comunicar com a sua família. No entanto, é já na escola que o aluno deve aprender o valor de “saber ouvir” e o de “saber expressar-se”.

Segundo Sim-Sim (1997), o primeiro objetivo é que a criança consiga perceber e preste atenção ao que lhe é dito, de modo a conseguir retirar da mensagem do interlocutor o essencial. O segundo objetivo é que a criança adquira alguma eficiência na sua expressão oral, isto é, expressar-se de forma clara e criativa, que pressupõe o aumento do seu conteúdo linguístico, dos modos de interação e, por fim, a adequação do uso da língua em situações diversificadas.

O destaque dado ao domínio da Oralidade na aula de Português é, de certa forma, desvalorizado e confundido com a leitura de um texto em “voz alta” e, segundo Amor, “[...] o oral não tem sido objecto de tratamento diferenciado nem sequer praticado nas suas modalidades mais ricas: no «fazer» da própria aula a comunicação unidirecional prevalece sobre a interaccional”. (Amor,1995, p.62).

A Oralidade apresenta características específicas. Segundo Emília Amor, esta deve ocorrer frente a frente (os interlocutores) num contexto específico, num determinado tempo e com um envolvimento total dos interlocutores. Perante o estudo feito em sala de aula, o professor fala constantemente, pois “usa a fala como estratégia de definição da situação” (Amor, 1995 p.67) e a oralidade é a sua forma de lecionar, de expor a matéria.

No entanto, os alunos têm pouca intervenção própria e é o professor que tem de decidir o que foi pertinente ou não. Isto leva a que haja um desequilíbrio, pois, por um lado, o professor controla toda a comunicação e, pelo outro, o aluno nunca chega a inteirar-se da verdadeira dinâmica da oralidade em sala de aula.

Adicionalmente, é importante referir que a Oralidade é o domínio que maior liberdade de expressão (forma de expressão) concede ao indivíduo.

Perante o domínio da Gramática, os dois exercícios aplicados apresentavam conteúdos já lecionados no ano anterior, podendo, desta forma, assumir que as atividades realizadas em sala de aula foram de mera consolidação da matéria, assim como nos indica o documento regulador, *AE*, a:

“competência gramatical por meio de um conhecimento explícito sistematizado sobre aspetos essenciais dos diversos planos (fonológico, morfológico, das classes de palavras, sintático, semântico e textual-discursivo) da língua.” (DGE-ME, p.4, 2018).

O primeiro exercício apresentava três questões (processos fonológicos, formação de palavras e funções sintáticas). O segundo também consistia em três questões, nos mesmos planos, porém, em vez dos processos fonológicos, estavam presentes as orações. Estes exercícios foram resolvidos com facilidade por parte dos alunos e com bastante entusiasmo no momento de correção.

Sabendo que, neste ano de escolaridade, no que diz respeito à gramática, o novo conteúdo a implementar era a introdução do complemento do nome e do complemento do adjetivo. No entanto, apenas foi trabalhado apenas um, e trabalhado pelo Professor Orientador Cooperante (anexo 11).

Para o domínio da Escrita, está previsto que este ano de escolaridade:

“inclua obrigatoriamente saber escrever sínteses, exposições sobre um tema e apreciações críticas”. (AE; DGE-ME, p.4, 2018).

As atividades escolhidas foram implementadas uma na primeira regência e a outra na última regência. A primeira surge após a leitura da carta de Pero Marques a Inês na obra vicentina, sendo, posteriormente, proposto aos alunos a elaboração de um texto epistolar em grupo. Estes teriam de encarnar a personagem da figura feminina e responder ao seu pretendente.

Para a realização da atividade, foi distribuída uma ficha de verificação, que orientava os alunos nas diversas fases de elaboração de um texto: planificação, redação e revisão (anexo 12).

Os enfoques deste exercício foram a realização do texto epistolar, a exploração da criatividade dos alunos, o aperfeiçoamento da sua escrita e, ainda, relembrar a estrutura da carta, neste caso, informal.

A segunda atividade escolhida foi dinamizada após a leitura da reflexão do poeta do Canto I, d’*Os Lusíadas*, de Luís Camões. Tendo em conta a temática da mesma e transportando aquela realidade para a atualidade, foi apresentada à turma uma imagem da atual guerra na Ucrânia. A partir deste documento visual, debateram-se alguns aspetos.

Posto isto, foi entregue aos alunos uma ficha que continha as orientações para a realização individual de um texto de opinião acerca da guerra entre dois povos (anexo 13). Com a elaboração do texto de opinião, o principal objetivo foi verificar a capacidade dos estudantes cumprirem a orientação dada, neste caso, a realização de apenas um parágrafo até cento e oitenta palavras (anexo 14).

Por fim, os alunos perante os diferentes exercícios e de grau de complexidade corresponderam de forma positiva, conseguindo resolver autonomamente, sendo só necessário a supervisão e a delimitação de tempo para a realização dos mesmos.

De acordo com Carvalho (2001), o contexto em que o ensino da escrita ocorre é influenciado por vários fatores, como o ambiente temporal e espacial, bem como as interações entre os participantes da aula. Esses fatores podem criar desafios na consecução dos objetivos de ensino da escrita. Além disso, a complexidade do processo de escrita, muitas vezes, é de natureza interna e não visível imediatamente ao professor. Um problema que destaco, após as atividades de escrita que propus, foi a limitação de tempo, o número de alunos e as restrições curriculares que estes enfrentam para a escrever.

A abordagem da escrita na sala de aula tem sido afetada por essas questões, o que é considerado crítico devido à falta de habilidades de escrita adequadas na maioria dos alunos. Conforme Amor (1993), além dos fatores externos, o sistema educacional também contribui para a "desertificação do território da escrita". Destacam-se o artificialismo e a falta de oportunidades de escrita, a falta de orientação em relação ao produto e ao processo de escrita, bem como a avaliação ambígua e imprecisa, o que gera uma visão negativa da prática da escrita na sala de aula.

Por fim, as atividades de escrita desenvolvidas nas minhas intervenções, face aos resultados obtidos, foram positivas, pois permitiram-me verificar quais as dificuldades que a turma tinha ao nível do domínio da escrita.

Concluo que, durante todos os momentos de intervenção, fui verificando a aprendizagem por parte dos alunos e verifiquei uma taxa de sucesso bastante elevada. Contudo, também em todas as situações que me encontrava como professora, foi de uma constante aprendizagem e de ajuste ao imprevisto, tendo de lidar com diversas situações complexas.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estágio Profissional consistiu na minha intervenção pedagógica numa turma do 10.º de escolaridade, tendo assumido, portanto, o papel de professora estagiária de Português. Foram planificadas cerca de vinte e cinco aulas para a turma atribuída.

Foram diversas as dificuldades com que me deparei, desde como planificar uma aula, passando por seguir os documentos reguladores, até por conseguir interligar todos os exercícios e atividades desenvolvidas, no que respeita a seu tema, mas sempre correspondendo aos objetivos curriculares.

Apesar do meu percurso de estágio ter decorrido no 10.º de escolaridade, tive a oportunidade de assistir a aulas do 12.º ano, tendo, por vezes, auxiliado os alunos, com a permissão do Professor Orientador Cooperante, em momentos de realização de exercícios. Não obstante, também me foi permitido assistir a aulas do 3.º Ciclo, o que muito agradeço, pois consegui abrir mais os meus horizontes e perceber a mudança de registo que existe para cada ciclo de escolaridade.

Foi de extrema importância a oportunidade dada, de viver o ambiente de Escola, pois foi-me facultada a possibilidade de assistir a reuniões de Conselho de Turma, a assistir ao Projeto Colaborativo do 10.º ano, momento durante o qual todos os professores de Português do 10.º se reúnem para elaborar os “esqueletos” dos testes, verificarem em que ponto do currículo estão e também partilham documentos das diversas matérias, deixando, em certos momentos, apresentarem ideias ou, então, apenas manifestarmos a nossa opinião acerca do assunto debatido.

Também pude elaborar testes para a turma em que a minha intervenção ocorreu, o que foi bastante gratificante, porque, posteriormente, tive a oportunidade de os corrigir (supervisionada pelo Professor Orientador Cooperante), tendo verificado que a turma, na sua globalidade, obteve sucesso à disciplina de Português.

Outro momento compensador foi a possibilidade de acompanhar o Professor Orientador a realizar todas as tarefas que lhe eram exigidas, desde o preenchimento de *Newsletters* a atividades lúdicas.

Por fim, assumo que este ano letivo, na escola, foi extremamente relevante para o meu crescimento profissional enquanto futura professora, porque me foram facultadas todas as ferramentas necessárias para me tornar uma competente e talvez

melhor professora. Contudo, ao nível pessoal, o ano letivo que decorreu foi bastante desafiante e de extrema dificuldade. Porém, a forma como a turma, a colega de estágio, o Professor Orientador Cooperante e a Professora Supervisora da Universidade me acolheram, me incentivaram e me impulsionaram fez-me concluir o estágio da melhor forma que consegui e sinto-me, por conseguinte, realizada.

Concluo que este Estágio Profissional me proporcionou a perfeita noção do que é a vida escolar e as funções de um professor, pois, até ao momento, só tinha a teoria. Sem dúvida alguma, foi um ano de muita superação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amor, E. (1993). *Didáctica do Português. Fundamentos e Metodologias*. Lisboa: Texto Editora.
- Balça, Â., Azevedo, F. (2017). Educação literária em Portugal: os documentos oficiais, a voz e as práticas dos docentes. *Revista Linhas*. Florianópolis, 18(37), 131-153. <https://hdl.handle.net/1822/46298>
- Camps, A. (2005). “Pontos de Vista sobre o Ensino-Aprendizagem da Escrita”. In J. Carvalho, L. Barbeiro, A. Silva & J. Pimenta (Orgs.), *A Escrita na Escola, Hoje: Problemas e Desafios. Actas do II Encontro de Reflexão sobre o Ensino da Escrita*. (pp.11-26). Braga: CIED/UMinho.
- Carvalho, J. A. B. (2001). *O ensino da escrita*. Universidade do Minho. Instituto de Educação e Psicologia. <https://hdl.handle.net/1822/481>
- Catarino, A, Felicíssimo, A, Castiajo, I & Peixoto, M. (2021). *(Novo) Sentidos Português 10.º Ano*. ASA. Lisboa.
- Coutinho, A. (2019). “Sobre os Géneros de Texto”. In A. Coutinho & N. Jorge (Orgs.) *Ensinar géneros de texto – conteúdos, estratégias e materiais* (pp.6-9). Lisboa: Nova FCSH/Porto Editora
- Coutinho, et al. (2009). *Investigação-Ação: Metodologia Preferencial nas Práticas Educativas*. pp.355-379. Instituto de Educação, Universidade do Minho. Avintes: Lusoimpress.
- DGE-ME (2017). *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória*. https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/Perfil_dos_alunos.pdf
- DGE-ME (2018). *Aprendizagens essenciais de Português – Ensino Secundário*. <https://www.dge.mec.pt/aprendizagens-essenciais-ensino-secundario>
- Dionísio. (1990). “Agora não posso. Estou a ler!”. Universidade do Minho. Instituto de Educação e Psicologia. <http://hdl.handle.net/1822/462>
- Fonseca, F. I. & Fonseca, J. (1977). “Conclusão: para a definição da aula de Português.” In *Pragmática linguística e ensino do Português* (pp. 153-156). Coimbra: Livraria Almedina.
- Giasson, J. (1993). Um Modelo de Compreensão na Leitura. In *A Compreensão na Leitura*. (pp. 15-44). Edições ASA.
- Irene, F. (1994). *Ensino da Língua materna: do objecto aos objectivos*. (pp.117-131). Lisboa.
- Lomas, C. (2003). *O valor das palavras (I) Falar, ler e escrever nas aulas*. (1ª ed.) Edições ASA.
- Ministério da Educação, et al. (2022). https://www.pnl2027.gov.pt/np4/file/1933/PNL_20_abr_2022_Contributos_para_o_estud.pdf
- Sim-Sim, I. (2007). *O Ensino da Leitura: A Compreensão de textos*. Lisboa: Ministério da Educação, Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Sim-Sim, I., Duarte, I., & Ferraz, M.J. (1997). *A Língua Materna na Educação Básica Competências Nucleares e Níveis de Desempenho*. Lisboa: Ministério da Educação.

ANEXOS

Anexo 1. Relatório de observação



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Núcleo de Estágio de Português 2022/23

Relatório de aula assistida pelo estagiário (10º1)

Localização espaço-temporal:

2 tempos (50+50 minutos) das 14h15 às 16h05, Lição nº 23 e 24, dia 31 de outubro de 2022

Sumário:

Projeto “10 minutos a ler”.

Correção do TPC.

Correção do trabalho de pares.

Revisão do uso da vírgula – registo de informações.

Realização de uma ficha de trabalho.

Participação na atividade de Halloween – “A sala assombrada”.

Momentos importantes na aula:

1º Saudação aos alunos.

2º Abertura de lição e registo do sumário.

3º Momento do projeto de leitura.

(É importante, pois é o momento em que incentiva o aluno a ler e a ter gosto pela leitura.)

4º Correção do TPC.

(Momento em que o professor consegue fazer revisões da matéria dada, neste caso da gramática.)

5º Término do trabalho a pares iniciado na aula anterior.

(Tem como objetivo os alunos analisarem autonomamente o texto e posteriormente responder a um questionário.)

6º Correção do trabalho de pares.

(Verificação se os alunos alcançaram o objetivo anterior.)

7º O uso da vírgula.

(Revisão e chamadas de atenção para o uso da vírgula).

Processos de operacionalização a nível pedagógico e científico:

A nível pedagógico:

- Questionário direcionado ao grupo.

(Os alunos tinham de intervir e dessa forma o professor ia percebendo se estes estavam a acompanhar a matéria e se estavam a fazer o solicitado por ele mesmo.)

- O professor incentiva a participação.

(Pedindo a intervenção com o dedo no ar, para dar a vez de falar.)

A nível científico:

- Cantigas de Amigo

(Abordou este conceito, neste caso este género textual, durante a atividade de pares)

- Uso da vírgula

(Conceito importante para futuros trabalhos, testes e exames. O professor ainda forneceu algumas regras de uso da mesma.)

Registo da reação dos alunos às atividades:

Os alunos estavam um pouco irrequietos na atividade de Halloween, mas entusiasmados.

Alguns alunos muito participativos (são os mais recorrentes).

No trabalho a pares alguns alunos mostravam-se concentrados e empenhados, outros nem tanto.

Situação-problema: Sim: Não:

Se a resposta à questão anterior foi afirmativa, como foi resolvida a situação?

Não foi uma situação problemática, mas fez com que o professor tivesse de modificar a sua estratégia de ensino.

Alguns alunos recusaram-se em realizar a atividade a pares e o professor resolveu a situação em deixar os alunos fazerem sozinhos.

Contributo para a minha aprendizagem enquanto estagiário:

Para a minha aprendizagem foi bastante importante, pois surgiu um imprevisto e eu como futura professora tenho de estar preparada para esses momentos.

Data: 31 de outubro de 2022

Estagiária: Renata Martins

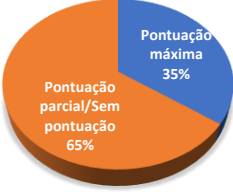
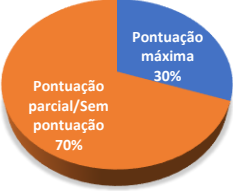
Anexo 2. Balanço de resultados



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Balanço dos resultados dos Miniteste de Leitura e Gramática da turma 10.º

| | Domínios | |
|--|--|--|
| | Leitura | Gramática |
| Número de alunos que realizou a prova | 23 | 23 |
| N.º de positivas | 23 | 17 |
| Percentagem de positivas | 100% <div style="text-align: center;"> <p>Leitura</p> <p>■ Positivas ■ Negativas</p> </div> | 74% <div style="text-align: center;"> <p>Gramática</p> <p>■ Positivas ■ Negativas</p> </div> |
| Itens com mais dificuldade | <ul style="list-style-type: none"> • Ordenação (78%) <div style="text-align: center;"> <p>Ordenação</p> <p>■ Pontuação máxima ■ Pontuação parcial/Sem pontuação</p> </div> | <ul style="list-style-type: none"> • Funções sintáticas (57%) <div style="text-align: center;"> <p>Funções sintáticas</p> <p>■ Pontuação máxima ■ Pontuação parcial/Sem pontuação</p> </div> |

| | | |
|-------------------------------------|---|---|
| | | <ul style="list-style-type: none"> • Orações (65%) <p style="text-align: center;">Orações</p>  <p style="text-align: center;">■ Pontuação máxima ■ Pontuação parcial/Sem pontuação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Antecedentes <p style="text-align: center;">Antecedentes</p>  <p style="text-align: center;">■ Pontuação máxima ■ Pontuação parcial/Sem pontuação</p> |
| <p>Medidas a implementar</p> | <p>Mais atividades de leitura e respetivos questionários de compreensão e interpretação (tanto em sala de aula como para trabalho autónomo do aluno, com a correção na aula).</p> | <p>Elaboração, em aula e para trabalho autónomo dos alunos, de mais exercícios relativos à identificação e classificação de orações, funções sintáticas e antecedentes/referentes.</p> |

Data: 26 de janeiro de 2023

Professora Estagiária:

Renata Filipa Branco Martins

Anexo 3. Teste construído sob orientação do Professor Orientador

| | | | |
|---------------------------------|--------------|--------------------------------|---|
| 10º ANO DE ESCOLARIDADE | | | |
| PORTUGUÊS - MICRO N.º 4 e N.º 5 | | VERSÃO _____ | DATA: _____ |
| NOME: _____ | | N.º _____ | TURMA: _____ |
| CLASSIFICAÇÃO | CONHECIMENTO | M 4 - LEITURA: _____ | PONTOS / 200 PONTOS VALORES / 20 VALORES |
| | | M 5 - GRAMÁTICA: _____ | PONTOS / 200 PONTOS VALORES / 20 VALORES |
| PROFESSOR: _____ | | ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO: _____ | |

Micro 4 - Leitura

Leia atentamente o texto.

Um naco de pão e pouco mais

A frase saiu-me assim por inspiração óbvia enquanto esperava o meu visto para entrar no Afeganistão. Andava a passear pelas vielas de Peshawar, a última cidade do Paquistão antes da fronteira.

5. Já, em Peshawar, há um consulado afegão e se tu responderes de uma forma vaga e inconclusiva às perguntas vagas e inconclusivas do cônsul sobre as razões que apresentas para querer entrar no Afeganistão e se lhe deslizes uma nota de 10 dólares junto com o formulário então ele declara, solene, que podes regressar no dia seguinte para retirar o teu visto e passaporte.

Regresso agora a mim, e à frase. Foi por causa de um padeiro de Peshawar, e do seu sentido de humor. Eu andava a passear com turbante, *shalwar kameez*, barba comprida e pele bronzeada.

10. Seria difícil, imaginava eu, alguém perceber que eu era um ocidental. E geralmente passava mesmo despercebido. Mas o padeiro, *Shah* Abdel, percebeu.

Talvez pelo olhar ávido que deitei ao pão na montra; não era bem pão, era semelhante, afinal estávamos longe do Mediterrâneo, que é a geografia a que ele pertence. Mas eu andava há muitos meses e muitos países longe de casa. Pão é o que me faz mais falta quando estou fora. A montra captou a minha saudade. Da porta da sua «*bokezy*», escrita em inglês, *Shah* Abdel perguntou a minha nacionalidade.

15. Quando lhe disse, os seus olhos brilharam e chamou-me para dentro. Em tom conspiratório revelou-me uma sua convicção bastante herética para os dias que correm nesse fim do mundo que é Peshawar. *Shah* Abdel acreditava sinceramente que a Virgem Maria tinha escolhido aparecer em Fátima para unir cristãos e muçulmanos.

20. «Repara, Gonçalo, é tão óbvio: Fátima, a filha do Profeta, a mulher do imã Ali, o sucessor de Maomé, deu o nome em Portugal à localidade onde Maria, mãe de Jesus, decidiu aparecer aos homens.» Conversámos um pouco sobre o seu sonho de um dia ir em peregrinação a Fátima.

25. A minha frase veio com outro tema. Tem a ver com muitas coisas, mas essencialmente tem a ver com o sentido de humor.

Expliquei ao *Shah* Abdel o que era a minha vida: viajar e escrever, ser pago para isso, um trabalho, uma carreira. Tinha chegado a Peshawar, depois de muitos meses e muitos países longe

que as diferenças que nos separam.»

30. Precisamente uma reação tolerante e bem-humorada para com um estrangeiro com uma existência muito privilegiada do que a nossa. Outras semelhanças: a curiosidade pelo que fica depois do horizonte, que é a razão de viajar; uma necessidade de identificação com uma cultura, um sistema de valores, que geralmente é a definição de pátria, mas nem sempre; uma religião que permita uma aspiração mais longa do que a escassa medida de tempo a que chamamos «vida» e que dê sentido à morte; uma família, uma continuidade, uma direção para os sentimentos de amor e pertença que existem em todos nós; paz, por fim, e um naco de pão ou semelhante, como aquele que estava exposto na montra de *Shah* Abdel em Peshawar.
35. _____

Gonçalo Cadilhe, «Geografia das amizades», <http://visão.sapo.pt/geografia-das-amizades-por-goncalo-cadilhe-24-f689626#z3MjBfNRL>, consultado a 24 de dezembro de 2014 (com supressões e adaptações).

Selecione a opção correta nos itens 1 a 5.

- O texto intitula-se «Um naco de pão e pouco mais» porque
 - (A) o autor estava a viajar há muito tempo e desejava, acima de tudo comer um pouco de pão.
 - (B) esta foi a frase que Gonçalo Cadilhe proferiu quando foi interrogado pelo cônsul em Peshawar.
 - (C) esta expressão aponta para as semelhanças que os homens têm entre si.
 - (D) o pão o fazia lembrar de casa e de tudo o que ele não tinha.
- O padeiro apercebeu-se de que Gonçalo Cadilhe era estrangeiro, uma vez que
 - (A) este tinha traços de um homem ocidental.
 - (B) o viajante mostrou ter saudades de comer pão.
 - (C) o autor envergava vestes ocidentais.
 - (D) a sua fala era diferente.
- O *Shah* Abdel desejava fazer uma peregrinação a Fátima, dado que
 - (A) acreditava que um dos objetivos da aparição de Nossa Senhora num local batizado com o nome da filha de Maomé fora o de unir cristãos e muçulmanos.
 - (B) a filha de Maomé aparecera neste local.
 - (C) o imã Ali ter dado àquele local o nome da filha de Maomé.
 - (D) era filha de um profeta.
- Tendo em conta a frase «São mais as semelhanças que nos unem do que as diferenças que nos separam» (l. 29-30) o autor explica que
 - (A) o sonho dele era viajar e fazer a peregrinação a Fátima com *Shah* Abdel.

- (B) existem mais questões que unem os homens que aquelas que os separam, como viajar, a religião, entre outras.
- (C) tudo tinha a ver com sentido de humor e que a vida dele era viajar, escrever e ser pago para isso, chegando a ter uma carreira.
- (D) considerava que a vida não era assim tão simples como **Shah** Abdel tinha explicado.

5. Das afirmações seguintes, assinale a que é falsa segundo o final do texto.

- (A) Considera que um do objetivo comum era a formação de uma família, para dar continuidade ao sentimento de amor e pertença que existem em todos.
- (B) Na perspetiva do autor, uma característica dos homens é a sua curiosidade relativamente ao que estará para lá da linha do horizonte.
- (C) O autor afirma que os homens sentem necessidade de se identificar com uma cultura e com um conjunto de valores.
- (D) Segundo Gonçalo Cadilhe, algo que os homens têm em comum é a necessidade de uma religião que lhes dê princípios orientadores para o seu percurso de vida.

6. Associe os segmentos da coluna B aos da coluna A que completam adequadamente o sentido.

| Coluna A | Coluna B |
|--|---|
| 1. "Peshawar" última urbe do Paquistão, fazia referência (l.2) ____ | A. para uma citação. |
| 2. No segundo parágrafo, o autor diz que "há um consulado afegão", (l.4) demonstrando ____ | B. que o seu olhar o denunciou. |
| 3. O autor, quando diz "Mas o padeiro, Shah Abdel, percebeu." revela (l.11) ____ | C. a adjetivação. |
| 4. O segmento do texto "Em tom conspiratório" (l.17) pretende ____ | D. mostrar a forma como é abordado pelo padeiro, Shah Abdel. |
| 5. No texto, nas linhas 21 a 23, o uso de aspas é importante ____ | E. porque é a conversa entre o autor e o padeiro. |
| | F. o controlo aduaneiro rigoroso que se faz sentir. |
| | G. à fronteira com o Afeganistão. |
| | H. durante a conversa com Shah Abdel. |

7. Complete as afirmações abaixo apresentadas, selecionando a opção adequada a cada espaço.

- 7.1 Nos dois primeiros parágrafos do texto, o autor descreve o procedimento necessário para entrar no _____.

7.2 Durante o seu passeio, o autor pensou que não iria ser reconhecido como um ocidental, porque _____ os costumes do país.

7.3 Na expressão utilizada pelo autor «não era bem pão, era semelhante» (l.12) está presente uma _____.

7.4 No final do texto, a expressão "Outras semelhanças" (l.32) remete para _____.

| 7.1 | 7.2 | 7.3 | 7.4 |
|----------------|-------------|-------------------|-----------------|
| 1. Paquistão | 1. cumpria | 1. diferenciação. | 1. exemplos. |
| 2. Peshawar | 2. fingia | 2. comparação. | 2. comparações. |
| 3. Afeganistão | 3. escondia | 3. oposição. | 3. explicações. |

8. Organize os seguintes tópicos pela ordem com que surgem no texto.

| | |
|---|--|
| A | O padeiro de Peshawar tinha uma teoria sobre o local sagrado português, Fátima. |
| B | Quem queria entrar no Afeganistão tinha de responder a um formulário e algo mais. |
| C | Gonçalo Cadilhe alude à frase que lhe surgiu por inspiração própria. |
| D | O autor descreve a sua vida nos últimos meses a Shah Abdel. |
| E | Momento em que é elencado pelo autor vários exemplos de semelhança que une os homens. |
| F | Apesar de shahwar saimesz e de todos os traços reunidos, Gonçalo Cadilhe é reconhecido como ocidental. |

Micro 5 - Gramática

Selecione a opção correta nos itens 1 a 5 e responda às questões 6 a 8.

1. No seguimento textual "A frase saiu-me assim por inspiração óbvia enquanto esperava o meu visto para entrar no Afeganistão" (l.1-2) o constituinte sublinhado indica

- (A) uma oração subordinada adverbial final.
- (B) uma oração subordinada adverbial concessiva.
- (C) uma oração subordinada adverbial temporal.
- (D) uma oração coordenada explicativa.

2. A palavra "dólares" (l. 6) faz parte do campo lexical de

- (A) câmbio.
- (B) dinheiro.

- (C) transações.
(D) valor.

3. A palavra em itálico "*bağcı*" (l.15), quanto ao processo de formação, é
(A) um acrónimo.
(B) um empréstimo.
(C) uma amálgama.
(D) uma truncacão.

4. O constituinte sublinhado em "Quando he disse, os seus olhos brilharam (...)" (l.17) é um
(A) pronome pessoal.
(B) pronome relativo.
(C) pronome indefinido.
(D) pronome demonstrativo.

5. O constituinte sublinhado na expressão "e um naco de pão ou semelhante, como aquele que estava exposto na monra de Shah Abdel em Peshawar," (ll.37-38) é uma oração subordinada
(A) adverbial consecutiva.
(B) adverbial comparativa.
(C) adjetiva relativa explicativa.
(D) adjetiva relativa restritiva.

6. Identifique a função sintática dos segmentos linguísticos indicados:

a) "no Afeganistão." (ll.1-2)

b) "agora" (l.8)

c) "a minha saudade." (l.15)

d) "uma convicção" (l.29)

7. Identifique o tempo e o modo associando-o a coluna A à coluna B de modo a obter afirmações verdadeiras.

| Coluna A | Coluna B |
|----------|----------|
|----------|----------|

| | |
|----------------------------------|--|
| 1. "esperava" (l.1) ____ | A. pretérito perfeito composto do indicativo. |
| 2. "responderes" (l.4) ____ | B. pretérito imperfeito do indicativo. |
| 3. "tinha escolhido" (l.19) ____ | C. pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo. |
| 4. "permita" (l.35) ____ | D. pretérito perfeito do indicativo. |
| | E. futuro do conjuntivo |
| | F. presente do conjuntivo. |

8. Classifique as orações.

a) "se tu responderes de uma forma vaga" (l.4)

b) "que eu era um ocidental" (l.10)

c) "que correm nesse fim do mundo" (l.18)

d) "que geralmente é a definição de pátria" (l.34)

9. Indique o antecedente do termo destacado na expressão "que geralmente é a definição de pátria" (l.34).

Cotações

| Domínios | Grupo / Questão | Micro 1 | Micro 1 | Micro 1 | Micro 1 | Micro 2 | Micro 2 | Micro 2 | Micro 2 | Micro 2 | Totais |
|-----------|-----------------|------------------------|-----------------------|----------------------|-----------|---------------------|---------------------|---------------------|---------------------|-----------|--------|
| | | 1 a 5 | 6 | 7 | 8 | 1 a 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | |
| Leitura | Cotações | 100 pontos (5 x 20) | 50 Pontos (5 x 10) | 28 Pontos (4 x 7) | 22 Pontos | | | | | | 200 |
| Gramática | | | | | | 80 pontos (5x16) | 40 pontos (4x10) | 30 pontos (3x10) | 40 pontos (4x10) | 10 pontos | 200 |

Bom trabalho!
EN

Anexo 4. Atividades Extracurriculares

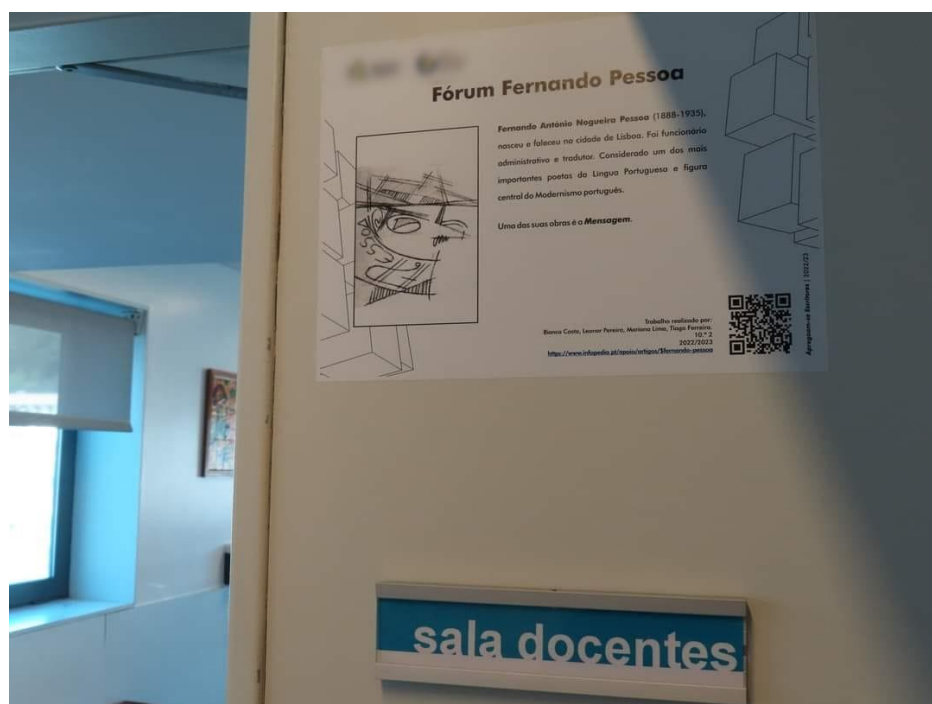


Figura 1. Atividade "Apreçam-se Escritores!"

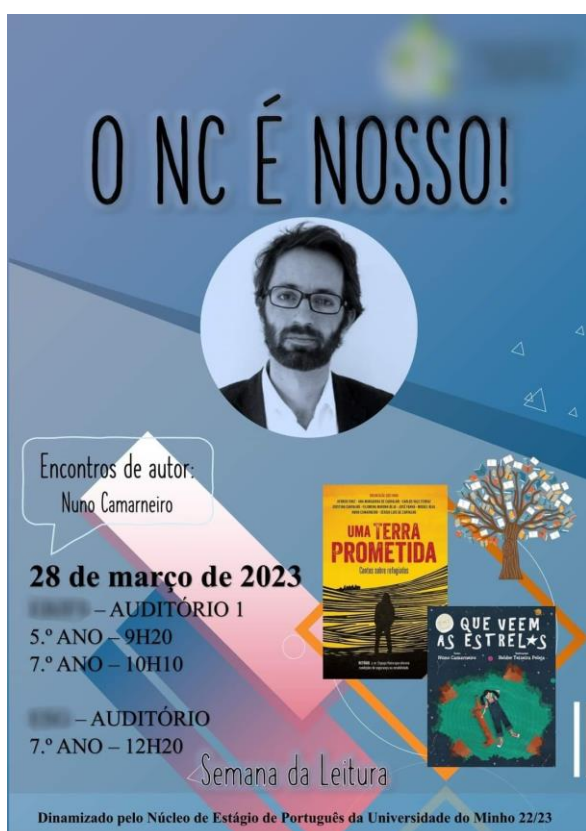


Figura 2. Atividade "O NC é Nosso!"



Figura 3. Atividade "Rapsódia Vicentina"

Anexo 5. Grelha de Observação

Português

2022/Aula n.º 3

Data: 11 / 01 / 2023

Turma: 10.º

| N.º | Nome do aluno | Pontualidade | Comportamento | Empenho | Presença do material | Realização das tarefas | Autoavaliação | Solidariedade com os colegas | Respeito pela opinião dos outros | Participação nas tarefas individuais/grupo | Expressão e defesa das suas opiniões | Superação das dificuldades | Intervenção na aula | Atenção | Maneira de comunicar | Desenvolvimento da autonomia | Total | Nota |
|-----|---------------|--------------|---------------|---------|----------------------|------------------------|---------------|------------------------------|----------------------------------|--|--------------------------------------|----------------------------|---------------------|---------|----------------------|------------------------------|-------|------|
| 1 | | + | + | + | + | + | | + | + | +/- | - | + | - | + | + | + | | |
| 2 | | + | + | + | + | + | | + | + | +/- | - | + | - | + | + | + | | |
| 3 | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 4 | | + | +/- - | + | + | + | | + | +/- | + | +/- | + | + | +/ - | +/- | + | | |
| 5 | | + | + | + | + | + | | + | + | + | +/- | + | - | + | + | + | | |
| 6 | | + | + | + | + | + | | + | + | + | +/- | + | - | + | + | + | | |
| 7 | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 8 | | + | + | + | + | + | | + | + | + | +/- | + | - | + | + | + | | |
| 9 | | +/ - | +/ - | - | + | +/- | | +/- | +/- | +/- | - | +/- | - | +/ - | - | +/- | | |
| 10 | | + | + | + | + | + | | + | + | + | +/- | + | - | + | + | + | | |
| 11 | | + | + | + | + | + | | + | + | + | +/- | + | - | + | + | + | | |
| 12 | | + | + | + | + | + | | + | + | + | +/- | + | - | + | + | + | | |
| 13 | | + | + | + | + | + | | + | + | + | +/- | + | - | + | + | + | | |
| 14 | | + | + | + | + | + | | + | + | + | +/- | + | - | + | + | + | | |
| 15 | | + | + | + | + | + | | + | + | + | + | + | - | + | + | + | | |
| 16 | | + | +/ - | + | + | + | | + | + | + | +/- | + | + | +/ - | + | + | | |
| 17 | | + | + | + | + | + | | + | + | + | + | + | + | + | + | + | | |
| 18 | | + | + | + | + | + | | + | + | + | +/- | + | - | + | + | + | | |
| 19 | | + | + | + | + | + | | + | + | + | + | + | + | + | + | + | | |
| 20 | | + | + | + | + | + | | + | + | + | +/- | + | - | + | + | + | | |
| 21 | | + | + | + | + | + | | + | + | + | +/- | + | - | + | + | + | | |
| 22 | | + | + | + | + | + | | - | + | + | +/- | + | - | + | + | + | | |
| 23 | | + | + | + | + | +/- | | + | + | + | +/- | +/- | + | + | +/- | +/- | | |
| 24 | | + | + | + | + | - | | - | + | +/- | - | +/- | - | + | +/- | +/- | | |
| 25 | | + | + | + | + | + | | + | + | + | + | + | + | + | + | + | | |

Anexo 6. Atividade de Leitura 1

Gil Vicente FARSAS DE INÉS PEREIRA

INFORMAÇÃO

Gil Vicente – A época, o homem e a obra

Não há um retrato físico, mesmo aproximado e os problemas de identidade começam aí. Não digo que através da fisionomia fosse possível resolver questões biográficas essenciais: poderíamos alguma vez concluir através de um retrato, mesmo fiel, onde nasceu o dramaturgo? Poderíamos determinar, a partir dessa base frágil e fortuita, qual a natureza e a origem da sua cultura? Poderíamos apurar, olhando-lhe apenas para a expressão, se ele foi ou não realmente o ourives de D. Leonor de Lancastre, como quiseram alguns e não quiseram outros?

A falta de um retrato físico, soma-se ainda a ausência de elementos contextuais seguros. Pode evidentemente dizer-se que existe obra, que é o mais importante e que a própria materialidade dos textos se devia bastar a si própria. Mas o argumento não colhe inteiramente. Em termos de projeto cívico, comemorar uma obra não é o mesmo que celebrar uma figura tangível. Para mais, a obra de Gil Vicente não é "redonda"; não é, tão-pouco, diretamente confessional, como o são as de Camões, Bernardim Ribeiro ou Sá de Miranda, qualquer delas parecendo conduzir ao eu da escrita. A circunstância de se tratar de uma obra dramática, acolhendo no seu plurivocalismo um sem-número de tensões, limita-nos imenso no acesso à subjetividade de quem a construiu; limita-nos mesmo na perceção das grandes linhas de coerência que sustentam os textos no plano estético e ideológico. A própria condição de "artista de corte", tantas vezes evocada em sentido redutor, não se revela suficiente para



Gravura da cidade de Lisboa em 1598, Georg Braun e Franz Hogenberg.

subordinar a compreensão unilinear dos cerca de 50 autos reunidos na *Copliçam*. Visto na sua época e à luz das suas circunstâncias, o teatro vicentino traduz a confluência de energias sociais e artísticas que estão para além de qualquer etiqueta sociomental, ocultando, na prática, uma individualidade relativamente misteriosa.

Tem-se estranhado que Gil Vicente não tivesse sido objeto de mais menções diretas por parte dos seus contemporâneos. Que não tivesse figurado destacadamente no *Cançoneto Geral*, por exemplo. Mas esta estranheza atenua-se um pouco se nos lembrarmos de que o teatro ocupava, no cômputo geral das artes, uma posição relativamente modesta (bem inferior à pintura e mesmo a outras formas de escrita, tidas por mais perentizantes).

José Augusto Cardoso Bernardes, *Revisões do Gil Vicente*, Angelus Novus, 2003, pp. 13-16 (adaptado).

Anexo 7. Atividade de Leitura 2

“Apoiar as artes é investir na democracia”

Os artistas e a arte são essenciais ao nosso desenvolvimento como povo e o Estado deve apoiar o seu trabalho e investir nele de forma substancial.

Uma visão estratégica para a cultura constitui um elemento essencial para a democracia. Agora ainda mais que antes. É decisivo para o futuro do país a concretização de uma política pública de cultura, estruturada e duradoura.

A instabilidade no apoio às artes em Portugal tem-se prolongado no tempo, sendo frequentemente acompanhada de diferentes visões entre os seus profissionais e a área governativa. No entanto, as duas partes convergem, há muito, em que o diálogo será a base para um entendimento que ajude a estabilizar a política de investimento nas artes no nosso país. O diálogo construtivo tem um objetivo primordial: resolver as questões estruturais, concentrando-nos no que é essencial.

Assim, definimos como prioridade da nossa ação política organizar, tornar estruturado e sustentável o investimento do Estado para o desenvolvimento das artes. Na ausência ou quase inexistência de estudos (ou de um simples mapeamento) sobre o universo dos artistas, encetei um conjunto de contactos, tendo tido mais de meia centena de reuniões com representantes e agentes ativos na criação e programação culturais, cujos resultados se constituíram como um diagnóstico da situação. Essas dezenas de reuniões garantiram a todos os envolvidos um conhecimento basilar sobre as contínuas dificuldades que assolam a vida de profissionais que, com persistência e coragem, lutam pelo reconhecimento pleno da importância do seu labor criativo na construção de uma democracia plena. Verificámos também que alguns dos problemas que dificultam a inscrição das artes no quotidiano do país derivam da ausência de decisões que reduzam a imprevisibilidade do apoio do Estado aos artistas, apoio que nunca deverá ser entendido como um subsídio que cria dependências, mas sim como um investimento na força transformadora da cultura. Os artistas e a arte são essenciais ao nosso desenvolvimento como povo e o Estado deve apoiar o seu trabalho e investir nele de forma substancial.

Graça Fonseca, excerto do Jornal *Público*, 2020

<https://www.publico.pt/2020/09/19/culturaipsilon/noticia/apoiar-artes-investir-democracia-1932107>

Anexo 8. Atividade de Educação Literária

Reflexão do Poeta do Canto X, d'Os Lusíadas, de Luís Camões



Professora Estagiária Renata Martins

1

Vídeo acerca da Reflexão do Poeta do Canto X

Os Lusíadas, de Luís de Camões: análise de reflexões do poeta (est. 142-146 e 154-156, Canto X)



<https://www.escolamagica.pt/aprender-ua/praticar/os-lusíadas-de-luís-de-camões-análise-de-reflexões-do-poeta-est-142-146-e-154-156-canto-x-/1649>

2

Divisão da Reflexão do Poeta do Canto X, d'Os Lusíadas, em 3 partes

Esquema-Síntese

3

1ª Parte

DESPEDIDA DAS MUSAS: DESILUSÃO COM A PÁTRIA

Estâncias 145 – 146 (vv. 1-4)

Recorre:

- Apóstrofe e Repetição – “Nô mais, Musa, nô mais” (est.145, v.1) no momento em que interpela a Musa da Inspiração = Calíope.
- Dupla Adjetivação – para revelar a sua grande desilusão com o facto de os portugueses não lhe darem o devido reconhecimento, “gente surda e endurecida” (est. 145, v.4) e pela decadência da Pátria “apagada e vil tristear” (est.145, v.8).

★ Ao longo desta 1ª parte o poeta apresenta um discurso derrotista, pessimista, incompreensão e melancólico.

4

2ª Parte

EXORTAÇÃO A D. SEBASTIÃO: CONTINUAÇÃO DO IMPÉRIO

Estâncias 146 (vv. 5-8) – 153

Recorre:

- Apóstrofe “Por isso vos, ó Rei [...]” (est.146, v.5)
- Repetição da forma verbal no modo Imperativo “Olhai [...]” (est.147, v.1)

A fim de encorajar o rei a olhar para os seus “vassallos excelentes”, que são retratados como heróis, prontos a lutar pelo império.

- Adjetivação para retratar a excelência dos portugueses:
 - “vassallos excelentes” (est. 146)
 - “leiros” (est. 147)
 - “a tudo aparelhados” (est. 148)
 - “sempre obedientes” (est. 148)
 - “prontos e contentes” (est. 148)
- Comparação para demonstrar a bravura e o quão destemidos são: “Quais rompentes liões e bravos touros” (est. 147)

5

Recorre:

- Anáfora e à Enumeração – momento em que relata situações de perigo em que os portugueses se submeteram para honrar a Pátria e obedecer às ordens do rei D. Sebastião (est. 147).

Ao longo das estâncias 146 a 153 os portugueses são caracterizados como:

- Corajosos;
- Determinados;
- Alegres;
- Espírito de sacrifício;
- Obedientes;
- Firmes.

★ Ao longo da 2ª parte da reflexão o poeta tece várias recomendações ao rei, traçando de certo modo o retrato de um líder perfeito.

6

AS RECOMENDAÇÕES DE LUÍS CAMÕES FAZ A D. SEBASTIÃO

- Recompensar e alegrar os súditos com a sua presença;
- Aliviar os súditos de leis severas;
- Promover os que têm mais experiência de vida (“os mais experimentados”);
- Gratificar cada um segundo o seu mérito e a sua competência;
- Manter os membros do clero no cumprimento das suas funções religiosas, impedindo-os de quererem atingir cargos ou recompensas monetárias;
- Estimar os guerreiros que se dedicam a combater os Inféis e expandem a fé cristã;
- Impedir que Portugal se submeta à autoridade das outras nações da Europa;
- Ouvir os conselhos dos mais sábios mas sobretudo dos mais experientes (valorização do saber de experiência feito);
- Adquirir disciplina militar praticando e não conhecendo apenas teoricamente as técnicas.

7

3ª Parte

O POETA AO SERVIÇO DO IMPÉRIO: O CANTO E AS ARMAS

Estâncias 154 – 156

AUTORRETRATO DO POETA

Recorre:

- Tripla Adjetivação – para fazer o seu autorretrato e ao mesmo tempo acaba por elencar as características fundamentais num “vassalo” perfeito, em que este valoriza a arte e a poesia, dedica-se à guerra e ao serviço da Pátria e alia o saber (a teoria) à experiência (a prática):
 - “humilde, baixo e rudo” (est. 154)
 - «Nem me falta na vida honesto estudo, / Com longa experiência misturado, / Nem engenho» (est. 154)
 - «Pera servir, braço às armas feito, / Pera cantar-vos, mente às Musas dada» (est. 155)

★ No final da 3ª parte, ou seja, no final do canto, o poeta demonstra-se disponível para ajudar o rei, através da guerra e também a cantar os feitos do monarca que de certa forma causarão inveja a Aquiles.

8

Anexo 9. Atividade de Oralidade – CO



Aula Digital, in Leya

SOBRE GIL VICENTE

| | |
|--|--|
| Ano de Nascimento | |
| Local Nascimento | |
| Ano da Morte | |
| Em que época viveu? | |
| O que caracterizava a sociedade do final do séc. XV e início do séc. XVI? | |
| O que os portugueses fizeram? | |
| Qual foi a 1ª peça escrita e encenada de Gil Vicente? | |
| Em que data? | |
| É conhecida como? | |
| Qual foi o objetivo da peça? | |
| Ficou próximo da corte como? | |
| O teatro de Gil Vicente é? | |
| O Gil Vicente retratou... | |
| Gil Vicente era... | |
| Gil Vicente segue a máxima latina " <u>Ridendo Castigat Mores</u> " que significa? | |
| Gil Vicente afirma ser... | |

Anexo 10. Atividade de Oralidade – Expressão Oral



<https://revistaestiloeff.com.br>

Anexo 11. Atividades de Gramática

GRAMÁTICA

1 Bloco informativo | pp. 268, 269, 270.

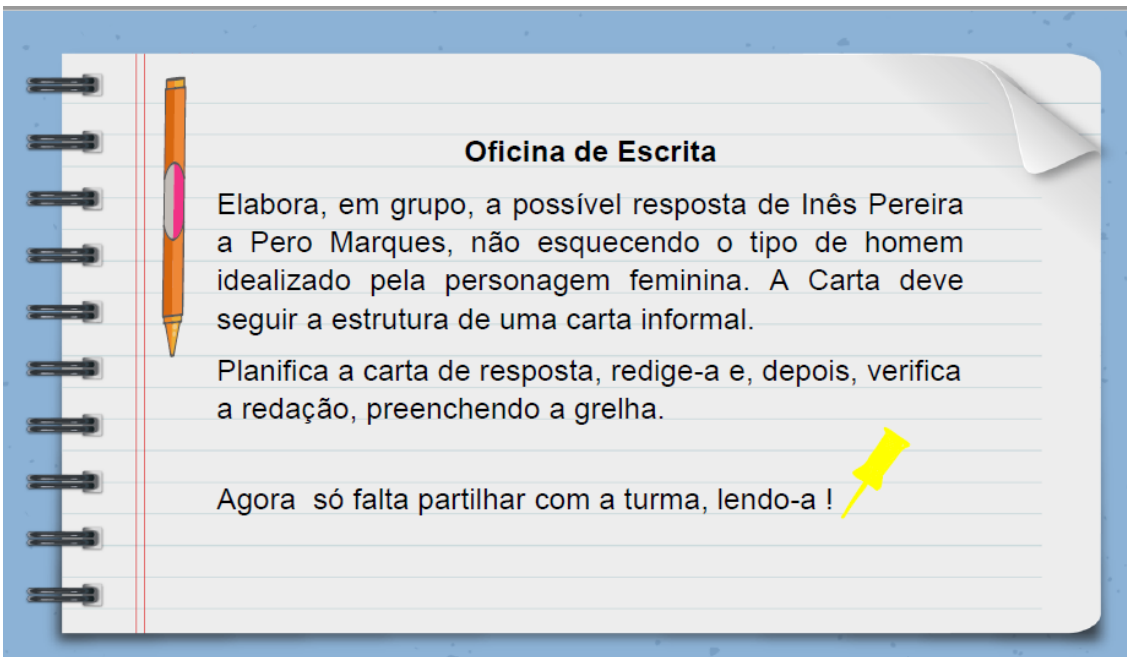
- 1** Refira o processo fonológico que ocorreu na evolução do seguinte vocábulo: *AUSUM* > *auru-* > *ouro*.
- 2** Indique o processo de formação de palavras em que se integra o vocábulo "cor-de-rosa" (v. 4).
- 3** Identifique as funções sintáticas desempenhadas pelos elementos sublinhados em "estas as armas são com que me rendo / e me cativa Amor" (vv. 12-13).

GRAMÁTICA

1 Bloco informativo | pp. 268, 275, 279.

- 1** Indique a função sintática desempenhada pelos segmentos sublinhados no verso "Não te apresses tu, Inês." (v. 61).
- 2** Classifique a oração "quando te não precatares" (v. 63).
- 3** Indique o processo fonológico ocorrido nos seguintes exemplos:
 - a. *olhade* > *olhai* (v. 52)
 - b. **levantare* > "alevantar" (v. 66)

Anexo 12. Atividades de Escrita 1



Oficina de Escrita

Elabora, em grupo, a possível resposta de Inês Pereira a Pero Marques, não esquecendo o tipo de homem idealizado pela personagem feminina. A Carta deve seguir a estrutura de uma carta informal.

Planifica a carta de resposta, redige-a e, depois, verifica a redação, preenchendo a grelha.

Agora só falta partilhar com a turma, lendo-a !

Anexo 25. Ficha de Verificação

| Grelha de verificação | | | | |
|----------------------------|---|-----|-----|------------|
| Fases | Parâmetros | Sim | Não | A melhorar |
| Planificação | Selecionei informação pertinente. | | | |
| | Elaborei o plano. | | | |
| Redação / textualização | Respeitei o tema e o género textual. | | | |
| | Mobilizei informação adequada e pertinente. | | | |
| | Respeitei a estrutura e o número de palavras indicado. | | | |
| | Utilizei corretamente mecanismos de coesão, conectores e diversifiquei o vocabulário. | | | |
| | Marquei parágrafos e respeitei as regras de pontuação, de acentuação e de ortografia. | | | |
| | Usei o(s) registo(s) de língua adequado(s). | | | |
| Revisão | Procedi à leitura do texto produzido. | | | |
| | Reformulei e/ou retifiquei incorreções. | | | |

Bom trabalho!

Professora Estagiária Renata Martins 😊

Anexo 14. Exemplo da Oficina de Escrita realizada pelos alunos



exemplo

In <https://www.ndtv.com/world-news/ukraine-russia-war-vladimir-putin-says-sanctions-are-akin-to-declaration-of-war-2806159>

1. Elabora um pequeno texto de opinião, cerca de 150 a 180 palavras, sobre a guerra entre dois povos, seguindo as seguintes orientações:

- Redige um parágrafo onde conste a tua opinião, apresentando um argumento e dois exemplos.

Não te esqueças de seguir as fases: planificação, redação e revisão.

A Guerra entre dois povos

A guerra entre dois povos é uma tragédia que deve ser evitada a todo custo. O argumento central é que a diplomacia e a negociação são as vias mais eficazes para alcançar uma resolução pacífica. Acordito, firmemente, que a guerra não é a solução para os conflitos entre povos, pois nunca resolve as questões subjacentes e apenas perpetua o sofrimento. Um exemplo notável é a Segunda Guerra Mundial, onde milhões de vidas foram perdidas, cidades foram arrasadas e gerações traumatizadas. Após a guerra, foram criadas organizações como a ONU, que visa promover a paz e a cooperação entre as nações. Outro exemplo evidente é a guerra na Ucrânia, que começou em 2014 e perdura até os dias de hoje. Esse conflito já causou milhares de mortes, deslocamentos em massa e um clima de instabilidade política e económica. Em suma, devemos priorizar a busca por soluções pacíficas, através do diálogo, da negociação e da diplomacia, que é o caminho mais eficaz para um mundo onde as diferenças possam ser resolvidas de forma pacífica, promovendo a harmonia e o respeito mútuo.

+ 180 palavras

Bom trabalho!

Professora Estagiária Renata Martins 😊

Figura 4. Exemplo da tarefa realizada pelos alunos

Oficina de Escrita



In <https://www.ndtv.com/world-news/ukraine-russia-war-vladimir-putin-says-sanctions-are-akin-to-declaration-of-war-2806159>

1. Elabora um pequeno texto de opinião, cerca de 150 a 180 palavras, sobre a guerra entre dois povos, seguindo as seguintes orientações:

- Redige um parágrafo onde conste a tua opinião, apresentando um argumento e dois exemplos.

Não te esqueças de seguir as fases: planificação, redação e revisão.

Na minha opinião, nada justifica a guerra entre dois povos e penso que ~~deveria~~ não deveria existir sob qualquer circunstância. A meu ver, a guerra não traz nada de bom, causa inúmeras fatalidades, destrói paisagem e edificações, cria refugiados e prejudica severamente a economia. Um exemplo bastante atual, é a Guerra na Ucrânia, que provocou imensas mortes, ~~muitos edifícios ficaram destruídos~~, originou ~~muitos~~ ^{muitos} vagas de refugiados e destruiu edifícios e afetou gravemente a economia mundial. Outro exemplo é a Guerra do Peloponeso, entre Atenas e Esparta, que, para além das consequências acima referidas, também ~~impôs~~ ^{impôs} limites a progresso destas antigas cidades-estado.

Bom trabalho!

Professora Estagiária Renata Martins

Figura 5. Exemplo da tarefa realizada pelos alunos

Anexo 15. Exemplo de Planificação de Aulas

Aula 1 e 2

| |
|---|
| Universidade Núcleo de Estágio de Português Plano de Aula |
|---|

| | |
|--------------------|------------------------------|
| Nome da estagiária | Renata Filipa Branco Martins |
| Agrupamento | |
| Escola | |

| | | | | | | | | |
|---------------|-------|------------|---|--------------------|-----|-------|-------|--|
| Observação nº | 1/2 | Tem a | <i>Farsa de Inês Pereira</i> , de Gil Vicente | | | | | |
| Ano letivo | 22/23 | Disciplina | Português | | Ano | 10º | Turma | |
| Data | 9/01 | Horário | 14h15-15h05 | Tempo (em minutos) | 100 | Local | | |
| | | | 15h15-16h05 | | | | | |

| |
|--|
| 1. Contextualização (Escola, Turma e Unidade Didática) |
| <p>A Escola (...) Situa-se no centro da cidade e esta abrange alunos da sua mesma zona, mas também de locais mais longínquos e de outros concelhos. A população estudantil neste ano letivo ronda os 2300.</p> <p>A turma A turma 10.º é do curso de Ciências e Tecnologias constituída por 23 alunos, e apresenta bom aproveitamento escolar. Contudo é heterógena em termos de sucesso</p> |

académico: apresenta um grupo de alunos de nível muito bom, um grupo de nível bom e um outro grupo, mas mais reduzido com resultados satisfatórios.

Maioritariamente, os alunos são da cidade onde se encontra a escola.

No que diz respeito ao comportamento, há alunos faladores sendo necessário chamar a atenção para que sigam as regras de boa convivência cívica dentro da sala de aula.

Em relação à questão socioeconómica, esta turma não apresenta grandes dificuldades.

Unidade didática

A aula a observar corresponde à unidade 3 – *Farsa de Inês Pereira*, de Gil Vicente, que está prevista no plano anual de desenvolvimento das aprendizagens para o 2.º período (20 tempos letivos).

Os objetivos para esta aula são os seguintes, atendendo aos domínios:

Leitura:

→ Manipulação de unidades de sentido através de atividades que impliquem sublinhar, parafrasear, resumir segmentos de texto relevantes para a construção do sentido e estabelecer relações entre as diversas unidades de sentido.

→ Realização de diferentes modos de ler e de diferentes tipos de leitura – tendo capacidade de ler em suportes variados textos de diferentes graus de complexidade.

→ Leitura de imagens.

→ Leitura de texto informativo.

Educação Literária:

→ Consolidação de conhecimento e saberes (noções de modos literários e estrutura interna e externa do texto dramático e teatral).

→ Aquisição de saberes relacionados com autores medievais e transição – *Farsa de Inês Pereira*, de Gil Vicente.

→ Reconhecimento de valores culturais, éticos e estéticos presentes nos textos.

→ Mobilização de conhecimentos sobre a língua e sobre o mundo (saber empírico) para interpretar expressões e segmentos textuais;

Oralidade:

Compreensão

→ Interpretação textos orais dos géneros reportagem e documentário, evidenciando perspetiva crítica e criativa.

→ Sintetização o discurso escutado a partir do registo de informação relevante quanto ao tema e à estrutura.

Expressão

→ Diálogo com os alunos a fim de rever a noções de conteúdos já estudados em anos anteriores.

Escrita

→ Registo no quadro de um esquema síntese das diferenças entre o o texto dramático e o texto teatral.

→ Preenchimento da tabela de forma coletiva.

2. Conteúdos disciplinares de natureza científica

Educação Literária:

Farsa de Inês Pereira, de Gil Vicente – início da sequência.

3. Elementos didáticos

3.1. Estrutura da aula / Orientação das atividades de aprendizagem

1. **Entrada na sala de aula.**
2. **Saudação aos alunos.**
3. **Abertura da lição.**
4. **Registo do sumário pelos alunos.**
5. **Leitura de imagens de modo a identificar a época histórica a que pertence o texto literário a estudar. (Anexo 1)**
6. **Diálogo com os alunos a fim de rever a noção de texto dramático e texto teatral, realçando as suas diferenças.**
7. **Registo no quadro de um esquema síntese das diferenças entre o texto dramático e o texto teatral (Anexo 2).**
8. **Visionamento de um vídeo sobre a situação da mulher e os seus direitos.**
9. **Realização do exercício do CO da página 106 (Anexo 4).**
10. **Correção oralmente do exercício de CO (Anexo 5).**
11. **Visionamento de um documentário sobre o contexto histórico, cultural, social e político em que Gil Vicente viveu, a fim de preencher uma tabela com as datas dos acontecimentos mais importantes (Anexo 6).**

12. Preenchimento da tabela de forma coletiva (Anexo 7).
13. Correção da tabela (Anexo 8).
14. Leitura de um texto informativo sobre Gil Vicente “Gil Vicente – A época, o homem e a obra”. (Anexo 9).
15. Análise do texto informativo, fazendo levantamento de dados importantes.
16. Realização de um pequeno questionário. (Anexo 10).
17. Correção do questionário oralmente e em grande grupo. (Anexo 11).
18. Leitura de uma tabela a fim de rever as principais características do teatro pré-vicentino e vicentino. (Anexo 12).
19. Leitura de um pequeno texto informativo sobre as diferenças entre Farsa e Auto. (Anexo 13).

3.2. Acompanhamento da prestação dos alunos (Avaliação)

Observação direta.

4. Formas de participação e envolvimento dos alunos

Durante a aula, pretende-se envolver os alunos, motivando-os para o trabalho a realizar, através de:

- Incitamento à participação dos alunos nas atividades de leitura e de interpretação da mesma;
- Solicitação frequente à participação;
- Reforço positivo sempre que pertinente.
- Visualização de um vídeo sobre os direitos das mulheres;
- Leitura de Textos informativos;
- Utilização do conhecimento empírico dos alunos para uma melhor compreensão do texto;

| | | | |
|------|------------|----------------------------|------------------------------|
| Data | 09/01/2023 | Estagiária (Assinatura) | Renata Filipa Branco Martins |
|------|------------|----------------------------|------------------------------|